

“NAS PAREDES DA MEMÓRIA”: ITINERÁRIOS NARRADOS POR ESTUDANTES DO CURSO DE PEDAGOGIA EM EGO-DOCUMENTOS (FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UFRGS)¹

"ON THE WALLS OF MEMORY": ITINERARIES NARRATED BY STUDENTS OF THE PEDAGOGY COURSE IN EGO-DOCUMENTS (FACULTY OF EDUCATION/UFRGS)

Dóris Bittencourt Almeida²
<https://orcid.org/0000-0002-4817-0717>

Rana Gabriele Schmitt³
<https://orcid.org/0000-0001-9240-4288>

Resumo:

O artigo toma como objeto de estudo narrativas de memória de estudantes do primeiro semestre do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação/UFRGS, produzidas entre os anos de 2010 e 2014, durante as aulas de História da Educação. Foram examinados quinze textos, de quatorze mulheres e de um homem, todos contando com aproximadamente quarenta anos de vida ou mais no momento da escrita. A proposta era que refletissem sobre seus percursos de escolarização, mas, para compor a narrativa, também buscaram, nas camadas tempo pretéritas, outras lembranças de sua história de vida. O critério geracional permitiu identificar singularidades e recorrências nos itinerários percorridos até a chegada à UFRGS. Por meio de práticas de arquivamento, escreveram sobre memórias de infância, itinerários escolares, experiências de juventude e vida adulta. Incluíram relatos acerca da família, dos amigos, do trabalho e expressaram fortes sentimentos referentes à aprovação no exame vestibular da UFRGS.

Palavras-chave: História da Educação; História da Cultura Escrita; Ego-documentos; Memórias de estudantes.

Abstract:

The article takes as object of study narratives of memory of students of the first semester of the Pedagogy Course of the Faculty of Education/UFRGS, produced between the years 2010 and 2014, during the classes of History of Education. Fifteen texts were examined, of fourteen women and of one man, all with approximately forty Years of life or more at the time of writing. The proposal was to reflect on their schooling paths, but to make up the narrative, they also sought, in the previous time layers, other memories of their life history. The generational criterion allowed

¹ Pesquisa que contou com financiamento CNPq.

² Professora da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

³ Estudante do Curso de História. Bolsista de Iniciação Científica/CNPq.

identifying singularities and recurrences in the itineraries traveled until arrival at UFRGS. Through archival practices, they wrote about childhood memories, school itineraries, Youth experiences, and adulthood. They included reports about family, friends, work and expressed strong feelings regarding the approval of the vestibular exam at UFRGS.

Keywords: History of Education; History of Written Culture; Ego-documents; Memories of students.

A PRODUÇÃO DE UM MEMORIAL: UMA ESCRITA DE SI

Este artigo toma como objeto de estudo narrativas de memória de estudantes do primeiro semestre do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação/UFRGS, produzidas entre os anos de 2010 e 2014, durante as aulas de História da Educação, componente curricular do referido curso de graduação. Foram examinados quinze textos, de quatorze mulheres e de um homem, todos contando com aproximadamente quarenta anos de vida ou mais no momento da escrita.

A proposta era que os estudantes refletissem sobre seus percursos de escolarização, mas, para compor a narrativa, também buscaram, nas camadas tempo pretéritas, outras lembranças de sua história de vida. O critério geracional permitiu identificar singularidades e recorrências nos itinerários percorridos por essas mulheres e por esse homem até a chegada à UFRGS. Não houve qualquer espécie de roteiro pré-estabelecido, nem mesmo exigências de número mínimo de páginas. Esses memoriais foram doados pelos autores para o Arquivo Histórico da Faculdade de Educação/UFRGS⁴, constituindo um acervo com setenta e cinco documentos.

A pesquisa aqui apresentada se inscreve no campo da História da Educação, em suas interfaces com postulados da História da Cultura Escrita. Os textos em questão são entendidos como ego-documentos, ou seja, são narrativas em que os escreventes⁵ estão continuamente presentes, expondo seus sentimentos e suas percepções acerca de diferentes temas. Produzem uma “literatura autorreferencial”, são escritos em que o sujeito “encontra refúgio e se converte em elemento de referência” (VIÑAO FRAGO, 2000, p. 11). Segundo o autor, a história da cultura escrita passou a valorizar os “tão variados mundos das escrituras marginais, efêmeras, ordinárias ou pessoais, assim como os processos de recepção e apropriação dos textos escritos [...]” (2000, p. 10). São consideradas “escrituras de lamargem” (CASTILLO GOMEZ, 2003), documentos que possibilitam olhar para muitas questões que, até poucas décadas atrás, não eram consideradas pela historiografia.

⁴O Arquivo Histórico é um setor da Faculdade de Educação/UFRGS responsável pela salvaguarda de documentos da Faculdade. Além disso, conserva arquivos pessoais de professores, um acervo de memórias orais, bem como outros tantos papéis representativos da vida institucional, como o conjunto desses ego-documentos produzidos por estudantes do Curso de Pedagogia.

⁵Castillo Gomez (2014) traz o conceito de escrevente fundamentando-se em Roland Barthes (1983). Barthes propõe uma distinção entre escritores e escreventes. Os primeiros seriam aqueles que escrevem dentro dos parâmetros que regem o campo literário, pessoas que concebem o ato de escrever como uma atividade inseparável do trabalho que se efetua com as palavras, portanto como um ofício sujeito a determinadas regras de índole gramatical e estética. Escreventes são homens e mulheres em situação transitiva, para eles e elas a palavra suporta um fazer, não os constitui, isto é, implica um meio para levar a cabo um fim proposto.

Ao escreverem sobre suas vidas, os estudantes foram instados a produzirem uma reflexão sobre sua existência, como um “trabalho de memória” (BOSI, 1994), em um exercício de reinterpretação e seleção de lembranças, construindo uma imagem para si mesmos e para quem os lesse. Neste sentido, Mignot e Cunha (2003) explicam que “o lembrar não é reviver, mas refazer, repensar, construir com imagens e ideias de hoje as experiências do passado” (p.170). Portanto, como salienta Viñao Frago (1999, p.2) “la memoria humana es (...) um proceso dinámico, está en permanente reconstrucción. Pose e una naturaleza transformadora, recreativa y omnipresente.” Esse exercício do lembrar envolve uma memória individual, importante para o auto-conhecimento, marcadamente subjetiva, mas também existe uma dimensão maior, que contempla memórias de uma coletividade (FISCHER, 2011), afinal somos atravessados por uma pluralidade discursiva que nos constitui.

A leitura dos memoriais permite que se observe uma riqueza de informações, neles, os universitários relatam, por meio de um “arquivamento do eu” (ARTIÈRES, 1998) memórias de infância, itinerários escolares, experiências de juventude e vida adulta. Incluíram relatos acerca da família, dos amigos, do trabalho e expressaram fortes sentimentos referentes à aprovação no exame vestibular da UFRGS. De acordo com Artières, “arquivar a própria vida é se por no espelho, é contrapor a imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência” (1998, p.11).

É importante reforçar que não se tratam de escritas espontâneas, são reguladas enquanto produto de uma atividade avaliativa que teve como leitora imediata a professora. Há diferenças, por exemplo, dos diários íntimos, embora haja semelhanças entre essas duas formas de escrita, pois ambas se constituem em ego-documentos. Nesse sentido, essas mulheres e este homem colocaram-se no lugar do “escrevente forçado”, aquele que não é *livre* para dissertar sobre o que lhe aprouver, mas que obedece a diretrizes preestabelecidas. (MEDA, 2014).

De qualquer modo, escolheram fragmentos de sua vida e os registraram no papel ou na tela do computador, isso qualifica uma “escrita de si” (FOUCAULT, 1992), “um baluarte contra a mortalidade e o esquecimento” (BASTOS, 2013, p. 315). Portanto, ao produzirem o memorial, indicaram os temas que desejavam *eternizar*, em conformidade à proposta da atividade.

Há muitas perspectivas de análise possíveis desses escritos, que, na esteira de entendimentos mais plurais acerca do documento histórico, passam a ser legitimados como fontes para a História da Educação. Por meio do exame dessas narrativas, é possível conhecer determinados aspectos dos percursos desses sujeitos, e suas interfaces com diferentes temporalidades. Nas palavras de Cunha (2007), podemos nos aproximar do “acontecer de vidas comuns” (p. 58), e, assim, buscar as idiosincrasias que permeiam as *pequenas coisas* que foram escolhidas para, por meio da escrita, serem perenizadas.

Os estudantes foram instigados a fazerem uma imersão em sua história de vida, sendo esta transversalizada pelo jogo constante entre o tempo pretérito e as condições do tempo presente que se interpõem no momento de escrever. Narrar memórias do vivido nada tem de natural, pois é uma forma de se expor, para muitos, pode ser forçoso esse exercício de representar suas experiências *no papel*. Não é demais enfatizar que a memória é uma categoria do tempo presente, como diz Hartog (2017). Assim, evocaram as camadas de tempo subterrâneas de sua memória, tendo como guia o momento presente, que orientou a construção narrativa do texto.

Neste sentido, é importante reforçar que os escreventes estavam cursando o primeiro semestre da graduação, quando foram desafiados a *remexer* em seu passado. Para a análise, algumas questões foram condutoras: quem são esses sujeitos? Como escreveram sobre si? O que falam e o que não falam? O que foi recorrente e singular em cada narrativa? Na sequência, nos aproximamos desses estudantes que se puseram a narrar-se durante o início de sua formação em Pedagogia.

QUEM SÃO OS ESCRIVENTES?

A seguir, apresentamos os sujeitos da pesquisa, escolhemos utilizar nomes de pedras preciosas para preservar a identidade dos mesmos. Antes da análise do conteúdo narrativo propriamente dito, ressaltamos alguns dados desses escreventes.

Tabela 1 – Informações dos escreventes

Estudante	Ingresso na Pedagogia	Idade	Situação acadêmica em 2014
Coral	2010	44	Cursando o 6º semestre.
Rubi	2010	40	Formou-se em 2014.
Ônix	2010	36	Formou-se em 2014.
Turquesa	2010	53	Formou-se em 2014.
Jade	2012	54	Trocou de curso, está no 2º semestre de Análise de Políticas e Sistemas/UFRGS
Madrepérola	2012	50	Desistiu do Curso de Pedagogia no 3º semestre, em 2013.
Topázio	2012	41	Cursando o 7º semestre.
Cristal	2012	38	Trocou de curso, está no 1º semestre de Farmácia/UFRGS.
Ametista	2013	56	Cursando o 4º semestre.
Safira	2014	45	Cursando o 2º semestre.
Quartzo	2014	51	Cursando o 2º semestre.
Diamante	2014	58	Cursando o 2º semestre.
Esmeralda	2014	45	Cursando o 2º semestre.
Ágata	2014	60	Cursando o 2º semestre.
Âmbar	2014	46	Cursando o 2º semestre.

Fonte: Arquivo Histórico Faculdade de Educação/UFRGS

Em relação às suas idades quando elaboraram o texto, nove tinham mais de cinquenta anos, quatro estavam entre quarenta e cinquenta anos e apenas duas contavam mais de trinta e sete anos e menos de quarenta. Como podemos constatar, dos quinze discentes, três desistiram do Curso de Pedagogia, Cristal e Jade migraram para a área da saúde e Madrepérola abandonou o Curso antes de chegar à metade. Vale ressaltar que tanto Jade como Cristal expressaram o desejo já antigo de

trabalhar na área da saúde, Jade sempre teve o sonho de cursar Enfermagem, já Cristal formou-se em Nutrição e não conseguiu emprego na área.

Entre as que escolheram a área da saúde, é interessante a narrativa de Jade, ela conta que desde criança ajudava sua avó enfermeira em um ambulatório e seu sonho era seguir essa profissão, porém, por circunstâncias da vida, não pôde realizá-lo. Assim, optou pela Pedagogia, pois, como pedagoga, poderia fazer trabalho voluntário e ajudar jovens e adultos. Aqui se percebem as aproximações entre a Educação e Saúde, talvez por serem áreas em que a perspectiva do cuidado esteja muito presente. O desejo de trabalhar em hospitais falou mais alto e ela acabou trocando a Pedagogia pelo Curso de Análise de Políticas e Sistemas de Saúde.

Cinco estudantes estavam em sua segunda graduação, são egressos dos Cursos de Letras, de Nutrição, de Direito, de Geografia e de Jornalismo. O único homem do grupo está nessa situação. Curiosa a situação de uma delas, Safira, formada em Direito e Geografia, diz que o pai sempre a influenciou a continuar a estudar. Em suas palavras, "sempre fomos muito próximos, uma verdadeira relação de amizade e parceria e as palavras dele ecoavam fortemente dentro de mim" (2014, p. 06). Destacamos ainda que quatro estudantes iniciaram a graduação em Matemática, Psicologia, Pedagogia, Administração de Empresas, Filosofia e não terminaram.

O que esses dados nos dizem? Por que essas pessoas, algumas já formadas, decidiram iniciar outra experiência acadêmica? Podemos pensar que a expectativa de vida no Brasil permite que, hoje, um sujeito, em idade madura, ouse fazer projetos para os próximos trinta anos de sua vida e, nesse planejamento, esteja a ideia de uma nova formação em nível superior. Também é preciso considerar que as condições de trabalho no Brasil nos obrigam a não pensar em parar, portanto buscar uma nova profissão quando já se viveu *meio século*, passa a ser algo cada vez mais frequente entre a população.

Contudo, para seis estudantes, essa foi a primeira graduação, destacada como um "sonho", que só foi possível realizar na idade madura. Pela leitura, observa-se que, via de regra, para essas mulheres, vinda de um filho após o outro criou obstáculos efetivos para o investimento na profissionalização. Nesta perspectiva, cumpre apontar que doze das quatorze estudantes informam ter filhos, sendo que oito delas dizem ter interrompido seus estudos e carreira profissional em função da maternidade. É um número alto na proporção aqui analisada e essa constatação permite pensar na vida de muitas mulheres no Brasil, sobretudo aquelas oriundas de camadas sociais menos abastadas, que precisam preterir a busca pela formação acadêmica em favor das atividades domésticas e cuidado dos filhos.

Com relação ao estado civil, há uma predominância de dez mulheres casadas, duas anunciam que são divorciadas e apenas uma diz que é solteira, "sou a filha mais jovem, ainda solteira e que ainda mora com a mãe" (CRISTAL, 2012, p. 03).

Ao verificar as trajetórias de escolarização, vê-se que nem todos as explicitaram em detalhes, constata-se através dos nomes das escolas que cinco estudaram em escolas públicas, um em escola privada e dois são egressos de escolas públicas e privadas. Seis deles contam que estudaram na modalidade Educação de Jovens e Adultos e seis anunciam terem feito o Curso Normal.

Quanto à naturalidade, observa-se que há uma equivalência entre os que nasceram em Porto Alegre e no interior do Estado do Rio Grande do Sul. Uma informação importante é que apenas uma das estudantes se autodeclara negra, entretanto este dado é pouco problematizado ao longo do memorial.

Sobre a ocupação profissional, constatamos uma profusão de atividades que fazem parte do passado ou do presente dessas mulheres e desse homem. Assim, relatam a docência, o trabalho em hospitais, fábricas, *call center*, comércio, agências bancárias. Além disso, foram mencionadas atividades de camareira, empregada doméstica, secretária, monitora em escola, babá, recepcionista e até mesmo jornalista, foram apresentadas. Como entender a escolha pela Pedagogia por pessoas que têm em seu histórico ocupações tão diversas? O que aproxima, por exemplo, uma atendente de *call center* e um jornalista nesta tomada de decisão? A escolha pela profissão de professor, em um tempo de desprestígio social da profissão, poderia afastar alguns grupos sociais e, paralelamente, atrair outros economicamente menos favorecidos? Essas são questões contemporâneas, para as quais não há uma resposta conclusiva. O que fazemos aqui, com base nos dados que temos, é especular, produzindo algumas inferências. De qualquer modo, evidencia-se um processo de proletarização da profissão de professor, identificados como “semi-profissionais” por Sarmento (1994). O autor instiga a refletir sobre o tema, com essas indagações:

Comumente, é proveniente de que camadas sociais? Como desenvolveu seu capital cultural? Como é a sua jornada de trabalho? Em quantas instituições trabalha? O que pensa sobre sua profissão? Como dá conta das exigências de qualificação que exige o mercado profissional? Como se mantém atualizado diante do que acontece no mundo e no âmbito acadêmico? Quanto é o seu salário? Quanto tempo dispõe para atividades de lazer? Qual é a sua formação enquanto leitor? O que efetivamente lê? (1994, p.87)

Entretanto, mesmo diante desse cenário pouco animador à carreira do docente, é possível observar a sensação de alegria experimentada por estar, finalmente, na UFRGS são constantes nos textos examinados. Estar matriculado no Curso de Pedagogia é percebido como uma vitória para essas pessoas que construíram trajetórias muito díspares, alguns enfrentando adversidades, de toda ordem, ao longo de suas vidas.

PREPARANDO A ESCRITA, PRIMEIRAS IMPRESSÕES

O memorial de escolarização poderia ter sido apenas mais uma tarefa solicitada, em meio a tantos outros trabalhos acadêmicos no primeiro semestre do Curso de Pedagogia. Porém, para muitos, imaginamos que essa foi uma escrita especial que exigiu reflexão, como “um reencontro com a própria vida” (MIGNOT, 2003, p. 05). Foi um momento de *revirar as gavetas da memória* para conseguir *voltar atrás no tempo* e, assim, poder rememorar fatos, que, às vezes, se quer ou não se quer lembrar.

Antes que fizessem o trabalho, houve uma sensibilização que teve por objetivo *despertar* em cada um a vontade de escrever. Assim, leram como inspiração as narrativas de outras estudantes da Pedagogia que tiveram seus textos publicados no livro “Iniciação à docência em

Pedagogia: memórias que contam histórias” (ALMEIDA e BERGAMASCHI, 2012)⁶. Além disso, problematizou-se o conceito de memória como uma “teia de subjetividades” (IZQUIERDO, 2002, p. 25), discutiu-se o sentido da representação do passado (BOSI, 2003), ou seja, a memória como construção do presente.

O propósito era que, ao escreverem, assumissem um lugar de sujeito que faz parte da História da Educação. Essa não é uma questão simples, há um estranhamento em sentir-se valorizado pela História, como diz Cristal (2012, p. 08) “julgava minha trajetória comum e desinteressante”. Acreditamos que esse estranhamento seja resquício de uma formação escolar que insistiu em deslocar as pessoas comuns das tramas da História. Por não se sentirem partícipes, passaram muitos anos internalizando o conceito que somente seriam significativas as narrativas de *grandes homens responsáveis por grandes feitos*.

Provocadas pelo exercício de narrar-se, alguns estudantes se permitiram uma imersão em seu passado. Outros, no entanto, por diferentes motivos, ficaram *na superfície*, não se arriscaram a adentrar nas camadas da memória. Safira, por exemplo, compara a escrita a um mergulho, no qual “só pode ser revelador se for profundo e destemido” (2014, p. 11). Isso nos faz pensar na complexidade do fenômeno memorial, em como é difícil lembrar, talvez mais difícil ainda reunir esses fragmentos de tempos pretéritos em folhas de papel.

Nesse sentido, como já dito, não houve determinação do número de páginas, sendo assim, uns escreveram menos do que outros. Alguns ilustraram seus trabalhos com fotografias, outros preferiram somente descrever suas lembranças, na sequência temporal linear. As fotos utilizadas mostram imagens da escola que estudaram quando crianças, da formatura do Curso Normal, do casamento, da família reunida, dos avôs, da juventude com os amigos, do trabalho, da casa onde nasceram, da cidade natal, dos boletins com boas notas, das viagens. Essas imagens, além de ilustrar, têm o papel de evocar as memórias de quem narra. Ao olhá-las, tenta-se *recriar* aquele momento para poder registrá-lo no papel.

Em relação ao título, alguns discentes colocaram frases emblemáticas, é o caso de Quartzo e de Ágata que se inspiraram nos versos das músicas de Raul Seixas e de Gonzaguinha, respectivamente. Importa lembrar a formação que tiveram previamente à escrita do memorial como algo que pode ter influenciado na escolha do título. O quadro a seguir sistematiza essas ideias.

Tabela 2– Informações sobre os Memoriais

Estudante	Título	Uso de imagens	Número de páginas
Coral	Memórias pessoais	Não.	3
Rubi	Memorial: Narrativa autobiográfica	Não.	9
Ônix	Memorial: Narrativa autobiográfica	Dez fotos.	12
Turquesa	Memorial	Onze fotos.	14
Jade	Minhas vivências	Oito fotos.	13
Madrepérola	Memorial: Narrativa autobiográfica	Não.	8
Topázio	Memorial: Narrativa autobiográfica	Não.	8

⁶Antes de 2012, os estudantes leram narrativas autobiográficas do livro “Caminhadas de universitários de origem popular, 2006.

Cristal	Memorial: Minha vida em construção	Não.	9
Ametista	Resgatando Memórias	Não	6
Safira	Memorial: Narrativa autobiográfica	Uma foto.	14
Quartzo	Memorial “Eu nasci... Há 51 anos atrás, no século XX.”	Onze fotos	20
Diamante	Memórias da Infância	Onze fotos	21
Esmeralda	Memorial: Narrativas autobiográficas	Não.	3
Ágata	Memorial Uma Eterna Aprendiz	Não.	11
Âmbar	Minha trajetória escolar	Não.	3

Fonte: Arquivo Histórico/Faculdade de Educação/UFRGS

Como análises preliminares, também é importante destacar a preocupação de muitos escreventes em apresentar seus percursos em uma perspectiva cronológica, em uma sequência temporal linear. É possível que essa seja mais uma marca da escolarização, especialmente considerando o ensino de História, pautado em continuidades de datas e fatos considerados memoráveis. Entretanto, é preciso apontar que, ao lembrar, o sujeito não apenas repete cronologicamente os acontecimentos vividos, ele elege, consciente ou inconscientemente, o que lhe parece relevante como lembrança. Essa escolha é pautada pelo presente, pelos interesses e pelas necessidades que se apresentam na realidade imediata (SCHMIDT e MAHFOUD, 1993), no caso o desafio proposto pela disciplina História da Educação.

Dos quinze escreventes, Diamante é o único que, ao descrever-se, relaciona acontecimentos de sua vida a fatos da história política, coloca-se na posição de um ator social que participa ativamente da História. Em suas palavras, “nasci numa época de mudanças em meio aos conflitos de um golpe político”. Em outro momento, analisando sua formação, explica passou a frequentar bibliotecas “para entender o que era ser um socialista de fato e a sua doutrina. Um leque se abriu para Marx, Allende, Che, Fidel odiados pela mídia, temidos pelo exército, amados pela esquerda.” Indagamos, isso teria relação com o fato de ser o único homem no conjunto analisado? Seria essa uma marca do universo masculino comumente identificado a uma maior participação nos temas da vida pública? Teria relação com sua ocupação profissional de jornalista? Pensando nas doze mulheres que têm filhos, vê-se que somente cinco delas falam mais explicitamente sobre maternidade com carinho, porém oito dizem ter atrasado os estudos em função dos filhos, o que essa diferença pode nos dizer? Neste sentido, Michelle Perrot (2005) analisa o “o oceano de silêncio” que ainda permeia a história das mulheres, “como se, por serem destinadas à obscuridade da reprodução, inenarrável, elas estivessem fora do tempo, ou ao menos fora do acontecimento” (p.9). De acordo com a autora, as mulheres estiveram escondidas “à sombra do gineceu, do convento ou da casa” (p.10), lugares em que construíram uma determinada identidade associada à idéias de feminilidade. Essas reflexões de Perrot podem ajudar a entender por que apenas o único homem, entre 15 pessoas, reservou-se o direito de colocar-se como um sujeito em diálogo com o espaço público.

Continuando nessa discussão, percebemos que dez das quatorze mulheres escreventes deixaram de investir na formação em nível superior por dois motivos: pela necessidade que se impôs do atendimento aos filhos e marido ou então porque precisavam trabalhar para a manutenção da subsistência familiar. Em ambas as situações, não estava dada a possibilidade de vislumbrar o acesso à universidade. Contudo, anos mais tarde, os filhos crescidos, parece que chegara a hora de suas mães *resgatarem* algo que talvez lhes tenha sido tirado, o direito de seguir em frente,

apostando na formação acadêmica. Assim, Madrepérola e Jade prestaram o exame vestibular junto com seus filhos, no caso de Turquesa foram os filhos que lhe estimularam para que fosse estudar.

Examinar textos autobiográficos desses estudantes, majoritariamente mulheres, permite ir ao encontro de questões que foram se apresentando em suas vidas, questões ligadas à maternidade, ao casamento, ao trabalho para sobreviver, a outros cursos de graduação anteriores, e que, de diferentes modos, se colocam na escolha pela Pedagogia, mesmo pensando naquelas que desistiram do curso.

HISTÓRIAS DA INFÂNCIA E JUVENTUDE

Ao ler as narrativas sobre infância e juventude, percebemos certa tendência de idealização dessas fases da vida, via de regra, apresentadas de modo linear, sem maiores conflitos. Assim, por exemplo, lembram da convivência com avós que contavam histórias e ajudavam nos deveres escolares. Turquesa fala sobre o uso dialeto italiano em sua casa, Ametista relata as responsabilidades que os filhos, ainda crianças, precisavam assumir na família, Ônix, Cristal, Jade e Quartzo rememoram brincadeiras com bonecas, brincadeiras na rua escondidas dos adultos, de subir em cima de árvores, de polícia e ladrão. Não obstante, algumas tocam em momentos mais difíceis como Esmeralda e Âmbar que descrevem as constantes mudanças de moradia e de cidade, que as fizeram permanecer anos afastadas da escola, Âmbar enfatiza as origens humildes, em que pai e mãe eram analfabetos. Quartzo relata a situação da mãe que acatou a exigência do marido e abandonou a profissão de professora para se dedicar à família:

Depois do casamento, meu pai não quis que minha mãe continuasse a dar aulas, ela tinha conseguido uma vaga para lecionar na Ilha da Pintada, meu pai achou longe e perigoso e não a deixou pegar o emprego. Ela teria muito que fazer, cuidar dele, da casa e dos filhos que iriam vir. Em minha opinião, depois de grande, achei machismo, mas os tempos eram outros [...] (Quartzo).

Outro relato forte é de Rubi, ao lembrar a avó que costumeiramente dizia “Tu é uma flor que nasceu no lodo” (2010, p. 04). Essa estudante reflete acerca de sua história, em meio ao empobrecimento, não se refere à ancestralidade africana e isso faz pensar no que seria o “lodo” que a avó se refere? Estariam atrelados pobreza material e negritude?

As recordações escolares ocupam um espaço considerável do texto, pois, afinal, essa era a proposta da atividade. Chama a atenção o escrito por Diamante sobre as primeiras vivências na escola, ele narra as lembranças do Jardim de Infância de sua turminha de dez alunos *cuidados* pelas alunas internas do colégio. Recorda também que “conhecer o giz e riscar no quadro negro para depois passar o apagador era uma disputa da criançada” (2014, p. 01). Sobre a alfabetização, destaca a “Cartilha do Guri⁷”, mas a nomeia a partir de seus personagens “A cartilha do Olavo e da Élide”. E, avaliando a sequência dos anos escolares, conclui que “o ensino se tornava um martírio, beirando a chatice, homogêneo e uniforme, aliás, era obrigado o uso do uniforme para fazer parte da escola” (2014, p. 03).

Neste sentido, Ágata diz sentir saudades da professora Mary que sabia alfabetizar de “maneira mágica” (2014, p. 03). Destaca lembranças positivas, como o exame de leitura em que

⁷ GONZALES, Elbio N.; RUSCHEL, Rosa M.; BRAUN, Flavia E. Cartilha do Guri. Porto Alegre: Tabajara, 1962.

foi aprovada e quando ficou muito alegre no dia em que acertou todas as *contas* de Matemática e, por isso, ganhou da professora uma caixa de lápis de cor.

Nas memórias de escola, encontram-se recordações de professores, há aqueles que lembram de docentes considerados “especiais” e de outros “rígidos e exigentes”. Castigos físicos e morais ajudam a compor as cenas escolares. Sabemos que, às vezes, é difícil lembrar, mais difícil ainda colocar *no papel*, como diz Turquesa, “muitos fatos tristes relacionados à sala de aula e o recreio, mas que prefiro não escrever” (2010, p. 05).

O que se pode inferir acerca do que escreveram sobre suas memórias de escola? É preciso ter em vista quem escreve, quando escrevem, para que escrevem. São estudantes da etapa inicial do Curso de Pedagogia, instados, no trabalho avaliativo, a lembrar das escolas que estiveram. A mirada para o passado é com os olhos do presente, um tempo em que se preparavam para serem futuros professores. Nesta perspectiva, é possível que os primeiros contatos com a Pedagogia, em disciplinas como Psicologia da Educação, por exemplo, possam ter provocado a seleção dessas memórias de escola e não outras.

E os anos de juventude? Muitas narram que precisaram deixar os estudos para trabalhar, especialmente em serviços domésticos ou cuidar de crianças. O casamento, para várias, aconteceu na mocidade. Nesses gestos de lembrar, percebe-se uma fantasia em relação a seus *anos dourados*, assim como, em alguns casos, idealizaram o tempo da infância. Desse modo, relatam a juventude como um tempo especial de suas vidas, marcada pelos namoros, viagens com a família, passeios de bicicleta, músicas de Caetano Veloso, bailes promovidos pela escola.

Nessa construção da narrativa de si por meio desses ego-documentos, sabemos que, ao evocar o tempo pretérito, *inventa-se* uma memória que dê legitimidade e dignidade ao presente em que se vive, como diz Alistair Thomson, a composição do passado precisa trazer ao sujeito “um sentimento de serenidade” (2001, p. 86), é como uma espécie de arranjo pessoal, *um ajuste de contas* consigo mesmo.

O INGRESSO NA PEDAGOGIA

Ao examinar todos os quinze textos, parece que o ponto alto de cada um deles é o momento do ingresso na Faculdade de Educação/UFRGS, como estudantes do Curso de Pedagogia, é como se toda a escrita se encaminhasse para este *grandfinale*. Mais uma vez, reforça-se, é o tempo presente que conduz o exercício de narrar-se, percorrendo as trilhas do passado. Assim, a maioria das narrativas expressa o sentimento de êxito por essa conquista, tais como:

Era uma meta a ser alcançada, a expectativa de fazer um excelente curso e voltar para o lugar de onde eu nunca devia ter saído: a sala de aula (Ametista).

Hoje, em meio aos jovens de 18 anos, me sinto uma vitoriosa, pois sempre amei estudar, sempre tive certeza que, mais dia, menos dia, eu iria chegar lá. Chego à UFRGS não saía de uma redoma, a exemplo de muitos que aqui estão. Tenho o sonho de concluir a graduação (Ágata).

Todos disseram que eu era louca, até meu filho disse que era praticamente impossível. Como foi bom provar que estavam todos errados! E hoje estou aqui, me sentindo mais realizada que nunca. E não pretendo parar tão cedo, ainda quero fazer Faculdade de História, mestrado e doutorado (Âmbar).

Estou apaixonada pela Pedagogia e por tudo que estou aprendendo. Esta faculdade é a realização de um sonho, pois não foi fácil chegar até este momento (Rubi, 2010).

Quando me contaram que eu havia passado no vestibular, achei que era uma brincadeira do meu esposo. Quando retornei pra casa, horas mais tarde, haviam colocado uma placa, com os seguintes dizeres: 'Quem luta um dia vence'. Quase chorei de tanta emoção (Ônix).

Observa-se que essas narrativas são atravessadas por sentimentos de afirmação pessoal por alcançarem uma espécie de meta de vida: "sair da redoma", enfrentar os desafios da vida acadêmica, assumir os possíveis conflitos geracionais por estar entre os mais jovens, encarar a falta de estímulo da família, apostar na "luta" e no "sonho", sentir-se "vitoriosa", "apaixonada pelo curso", todas são expressões utilizadas pelas escreventes que representam a chegada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul como algo muito importante em seus percursos, talvez mais valorizado por estarem na etapa de vida em que se encontram. Ametista considera o passado de sua existência um "tempo perdido" e diz que o ingresso no Curso de Pedagogia lhe proporcionou "voltar para o lugar de onde nunca devia ter saído: a sala de aula". Assim, não se constrange por estar com pessoas que teriam idade para serem seus filhos, talvez netos.

Ao lado desses sentimentos, encontramos a narrativa de Rubi que fala do cursinho pré-vestibular que frequentou, destinado a pessoas de baixa renda. Explica que foi ali, naquelas aulas, que percebeu efetivamente as lacunas de sua escolarização, em suas palavras, "automaticamente comecei a retornar ao passado, ver quais foram as falhas, os conteúdos que nunca vi e que eram necessários para que eu conseguisse uma vaga na UFRGS". Na sequência, faz sérios questionamentos ao desmonte da escola pública e à precariedade da formação que recebeu, ela diz:

Por que a escola pública não prepara o aluno para o vestibular? A escola tem o poder de decidir qual será o destino dos alunos? Qual era o critério usado para que os conteúdos fossem colocados no programa de aula ou não? São questões que realmente me deixaram bem incomodada (Rubi).

Muitas estudantes não se furtam em refletir acerca do que representa sair de uma zona de conforto que é a vida doméstica ou atividade profissional já conhecida e se deparar com os desafios próprios do ambiente acadêmico. Neste caso, estamos falando de pessoas que estavam afastadas do estudo formal e, de certa forma, precisaram *provar* para a família, professores e colegas que eram capazes de enfrentar as possíveis adversidades e serem avaliadas como *boas alunas*. Estudar também implica em um processo de autoformação, em que são necessárias algumas renúncias, construção de disciplina para as leituras, para, assim, formar um repertório intelectual. Estudar implica em dominar a tecnologia do computador, para algumas, isso pode ser assustador. Turquesa foi a exceção entre os memoriais analisados, após um mês de aula considerava-se habituada ao mundo acadêmico. Outras estudantes dizem contar com a ajuda dos filhos para a realização dos trabalhos acadêmicos, há aquelas que reclamam da falta de ajuda dos filhos. Nesse sentido, expressam que:

Esta nova etapa como universitária não está sendo nada fácil, preciso ler mais do que estava habituada, pois no currículo do curso exige, por que é lendo que aprendemos... não saí de casa aos cinquenta anos para fazer o fácil (Madrepérola).

Depois de um mês de aula, já me encontrava totalmente ambientada, achando até divertido, não tendo a mesma facilidade de outros tempos, pois a memória não funciona da mesma maneira, seja por não ter pressa, seja pela idade ou por outro motivo qualquer, não importa, vou continuar em frente e tenho certeza que concluirei o Curso de Pedagogia com sucesso (Turquesa).

Depois, vieram as 8 cadeiras e os inúmeros trabalhos, mas eu achei fascinante cada desafio, principalmente da cadeira de Mídias e Tecnologias Digitais, onde tive de superar os meus limites com o computador, fui orientada a desistir na primeira aula, mas olhei para a professora e disse: Eu vou conseguir, pode apostar! (Ônix).

Fiquei muitos anos sem estudar, sem ler inclusive perdi o hábito da leitura, desenhar eu desaprendi por completo e escrever tenho muita dificuldade (Esmeralda).

Essas são palavras de mulheres maduras que apostaram em uma *guinada* em seus percursos, adotaram uma nova identidade, a de estudantes, construída na UFRGS. Considera-se aqui a Universidade, como um espaço instituído e instituinte, em que se *acordam* mentes que poderiam estar *adormecidas*, que poderiam estar envolvidas em outras demandas próprias do mundo doméstico e do trabalho. A Universidade, como lócus de predominância de conhecimento científico, pode promover o enfrentamento a outros embates nas trajetórias desses estudantes, embates vividos tanto na prática social como prática política.

CONCLUSÕES

Neste texto, analisaram-se textos autobiográficos, produzidos por quinze sujeitos, estudantes do Curso de Pedagogia/UFRGS, considerando o "valor da escritura enquanto suporte da memória" (CASTILLO GOMEZ, 2003, p. 01). Buscando inspiração em Belchior⁸, pode-se pensar nessa escrita de si como “uma parede da memória”, em que cada narrador escolheu as lembranças, como “quadros” para ali fixar. Assim, para construir essa trama de relações, foi preciso prestar atenção aos pormenores que cada um destacou, observar as impressões mais sutis que, por vezes, não se deixam revelar no primeiro olhar.

Percebe-se que cada uma delas e ele, ao permitir-se *revisitar* suas experiências pretéritas, construiu uma “lenda sobre sua vida” (THOMSON, 2001), estando subjetivados por essa espécie de ficcionalização do passado. O autor explica que “construímos nossa identidade através do processo de contar histórias para nós mesmos – como histórias secretas ou fantasias – ou para as outras pessoas no convívio social” (2001, p.86). Ou seja, quando narramos algo do passado, narramos aquilo que elaboramos acerca do que aconteceu, as lembranças são também reformuladas de acordo com o tempo presente e com as emoções vividas, pois “as histórias que relembramos não são representações exatas do nosso passado, mas traduzem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais” (THONSON, 2001, p. 57).

⁸ Canção composta por Belchior, “Como nossos pais”.

Assumir o desafio de escrever seus itinerários de vida não é tarefa simples. É estranho narrar sua experiência passada (FENTRESS, 1992), tendo em vista que não há um sujeito único e coerente que se sustente por toda a vida. Mais estranho ainda é se pôr a escrever sobre si, tendo uma professora como leitora imediata. Neste sentido, não existe uma fala que seja *verdadeira* em si mesma.

Nessas narrativas autobiográficas, a experiência está sempre presente na memória, que se apresenta como uma tentativa de explicar o que cada um pensa ter sido, o que pensa ter sentido. Cada pessoa escolhe o que lembrar conforme os lugares de sujeito que ocupa. Artières explica que “passamos assim o tempo a arquivar nossas vidas: arrumamos, desarrumamos, reclassificamos. Por meio dessas práticas minúsculas, construímos uma imagem, para nós mesmos e às vezes para os outros” (1998, p. 10). Comosugere Lovisoló (1989), as questões de memória têm a ver com nossos pertencimentos, com aquilo que imaginamos sobre nós mesmos, com nossos desejos, que vamos construindo, desconstruindo e reconstruindo ao longo da vida. Talvez seja por isso que o tema da aprovação no exame vestibular e o ingresso no Curso de Pedagogia tenham sido tão valorizados por quem escreveu. Fentress (1992, p.39) afirma que “a nossa experiência do presente fica, portanto, inscrita na experiência passada. A memória representa o passado e o presente ligados entre si e coerentes, neste sentido, um com o outro”.

Ao nomeá-los por pedras preciosas, pretendemos apostar no brilho de cada um, ou seja, nas singularidades de cada itinerário de vida que, se entrecruzaram na escolha pelo Curso de Pedagogia na UFRGS. Por fim, podemos dizer que esses são escritos de sujeitos que elegeram a Universidade como lócus de uma nova construção de si. Fragmentos de suas memórias estão registrados nessas escritas de si, constituem-se agora em documentos para a História da Educação que permitem novas miradas com vistas à produção de outras investigações.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Maria Helena Camara. Memoriais de professoras: reflexões sobre uma proposta. In: MIGNOT, Ana Chrystina; CUNHA, Maria Teresa (orgs.). **Práticas de memória docente**. São Paulo: Cortez, 2003.

BASTOS, Maria Helena Camara. Um retrato multicolorido da escola: cadernos de uma aluna singular (1953-1957). In: BASTOS, Maria Helena Camara; JACQUES, Alice Rigoni; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS: memórias e histórias (1858-2008)**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2013. p. 307 – 336.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CUNHA, Maria Teresa. S. Diários Íntimos de Professoras: letras que duram. In: CUNHA, Maria Teresa. S.; MIGNOT, Ana Chrystina V.; BASTOS, Maria Helena C. (orgs.). **Refúgios do Eu: educação, história e autobiografia**. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 159-180.

CUNHA, Maria Teresa. S. Do Baú ao Arquivo: escritas de si, escritas do outro. **Revista Eletrônica da CEDAP**, 2007. Disponível em: <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/8>. Acesso em: 23 ago. 2020.

FENTRESS, James e WICKHAM, Chris. Memória social: novas perspectivas sobre o passado. Lisboa: **Teorema**, 1992.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992, pp.129-160.

GOMEZ, Antonio Castillo. Das mãos ao arquivo. A propósito das escritas das pessoas comuns. **Percursos**, Florianópolis, v.4, n.1, julho 2003. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1468/1398> Acesso em: 23 ago. 2020.

GOMEZ, Antonio Castillo. Aquí lo hallaran con toda verdade. Diarios personales em la España de siglo do oro. In. **(Autobiografía), literatura e história** VASCONCELLO, Verbena; VICENTINI, Paula. Curitiba, CRV, 2014.

LOVISOLO, Hugo. A memória e a formação dos homens. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1989, p. 16-28. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2274> Acesso em: 23 ago. 2020.

IZQUIERDO, Iván. **Memória**. Porto Alegre: Artemed, 2002.

MEDA, Juri. Escrituras escolares: contribución a la definición de una categoría historiográfica a partir de la producción científica italiana em la última década. In. MIGNOT, SAMPAIO, PASSEGGI (orgs.). **Infância, aprendizagem e exercício de escrita**. Curitiba: CRV, 2014, p. 27-42.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; CUNHA, Maria Tereza Santos. Razões para guardar: a escrita ordinária em arquivos de professores/as. In: **Revista Educação em Qualidade**. Nº 11, V. 25. jan./abr. 2006, p.40-61. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/8286>. Acesso em: 23 ago. 2020.

PERROT, Michelle. **As mulheres e os silêncios da história**. SP: EDUSC, 2005.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **A vez e a voz dos professores: contributo para o estudo da cultura organizacional da escola primária**. Lisboa: Porto Editora, 1994.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval e MAHFOUND, Miguel. Halbwachs: memória coletiva e experiência. **Revista Psicologia USP**. São Paulo, 4 (1/2), p. 285-298, 1993. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771993000100013 Acesso em: 23 ago. 2020.

THOMSON, A. Memórias de Anzac: colocando em prática a teoria da memória popular na Austrália. **História Oral**, São Paulo, v. 4, p. 85-101, jun. 2001.

WEBER, Alexander. et al. **Caminhadas de universitário de origem popular**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.